

**Texto crítico e explicativo do projecto**

### **Nota explicativa:**

Nos textos relativos às obras aqui apresentadas – Palheiro em Cortegaça, Mortágua, de João Mendes Ribeiro; Museu das Coleções Reais, de Mansilla + Tuñon, Madrid; e Museu da Luz, de Pedro Pacheco e Marie Clément, Aldeia da Luz – os autores tornam visíveis, através da palavra, os aspectos formais e espaciais fundamentais que reflectem as ideias de projecto. É justamente sobre as ideias que os textos se expressam. As descrições sevem para que se torne mais explícito o modo como as ideias passam à prática.

Deve notar-se que os textos não são um guião para aplicar de modo directo. Constituem apenas exemplos de como o próprio pode expor argumentos relativos ao seu próprio trabalho. Chama-se a atenção, com particular ênfase, que os textos dos autores referem aspectos que no caso do exercício ou não se aplicam de todo – as questões construtivas - ou aplicam-se de modo menos caracterizado. Compreende-se que as relações com o território, no caso do exercício, são menos definidas: dependem de circunstâncias mais abstractas, resultantes da composição e da organização espacial criada nas fases anteriores, e da sua relação com o plano de água e os quadrantes solares.

As imagens seleccionadas permitem acompanhar a leitura, sem prejuízo de se procurar mais informação online, através do link fornecido, sobre os autores, estas e outras obras, o que poderá/deverá ser também realizado através de pesquisas na biblioteca.

Com o texto pedido no âmbito do exercício de Projecto 1, pretende-se, de igual modo, que cada estudante torne mais compreensível a proposta realizada. Espera-se que o texto se foque nos aspectos e temas fundamentais trabalhados e materializados nas maquetes e peças desenhadas. Apela-se, portanto, a objectividade, capacidade de síntese, de modo sistematizado e estruturado, o que não invalida um discurso com poética, como também pode observar-se nos exemplos.

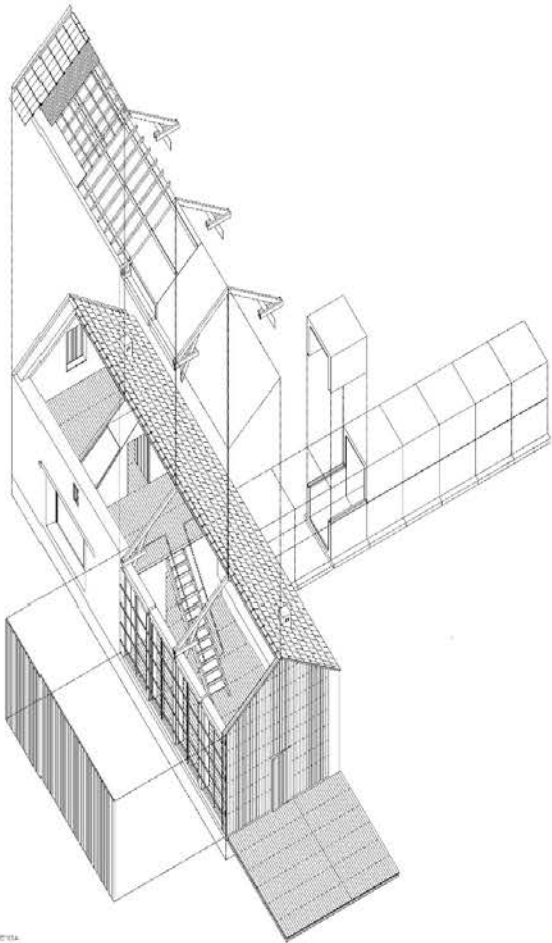


Casa num Palheiro, Cortegaça, Mortágua, Portugal, 2000-2004  
João Mendes Ribeiro (Coimbra, 1960)

Ver projecto completo em:

[https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro/02\\_palheirofgsg](https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro/02_palheirofgsg)

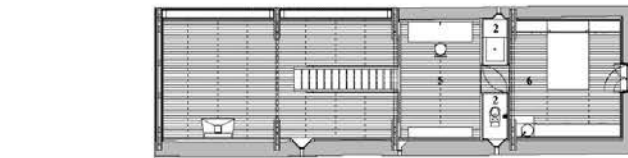
RECONVERSÃO DE PALHEIRO,  
Cortegaça, Mortágua, 2000-2004



AXONOMETRIA

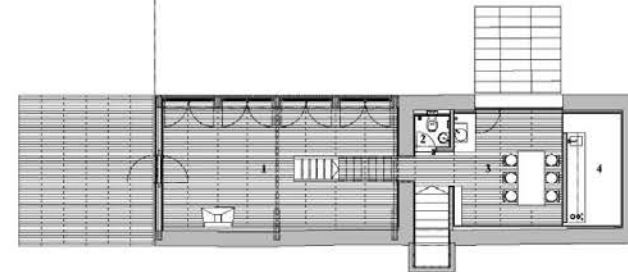
Arquitetura:  
João Mendes Ribeiro  
Colaboração:  
Ana Moreira  
Jorge Teixeira Dias  
Mariana Viegas  
Sónia Gaspar  
Catarina Pereira

PLANTA

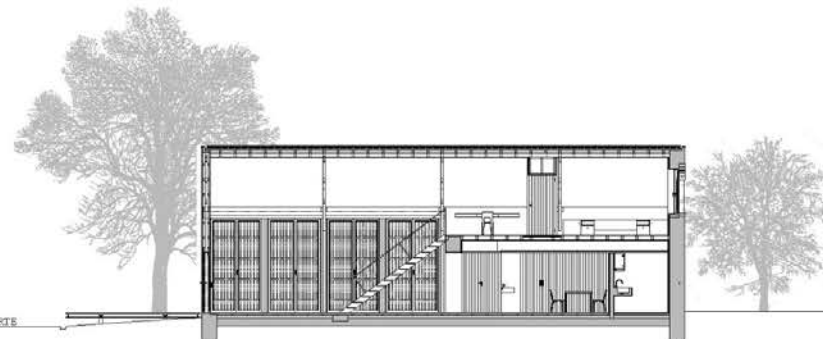


1. Sala
2. Quarto de banho
3. Sala de jantar
4. Cozinha
5. Escritório
6. Quarto de dormir

PLANTA

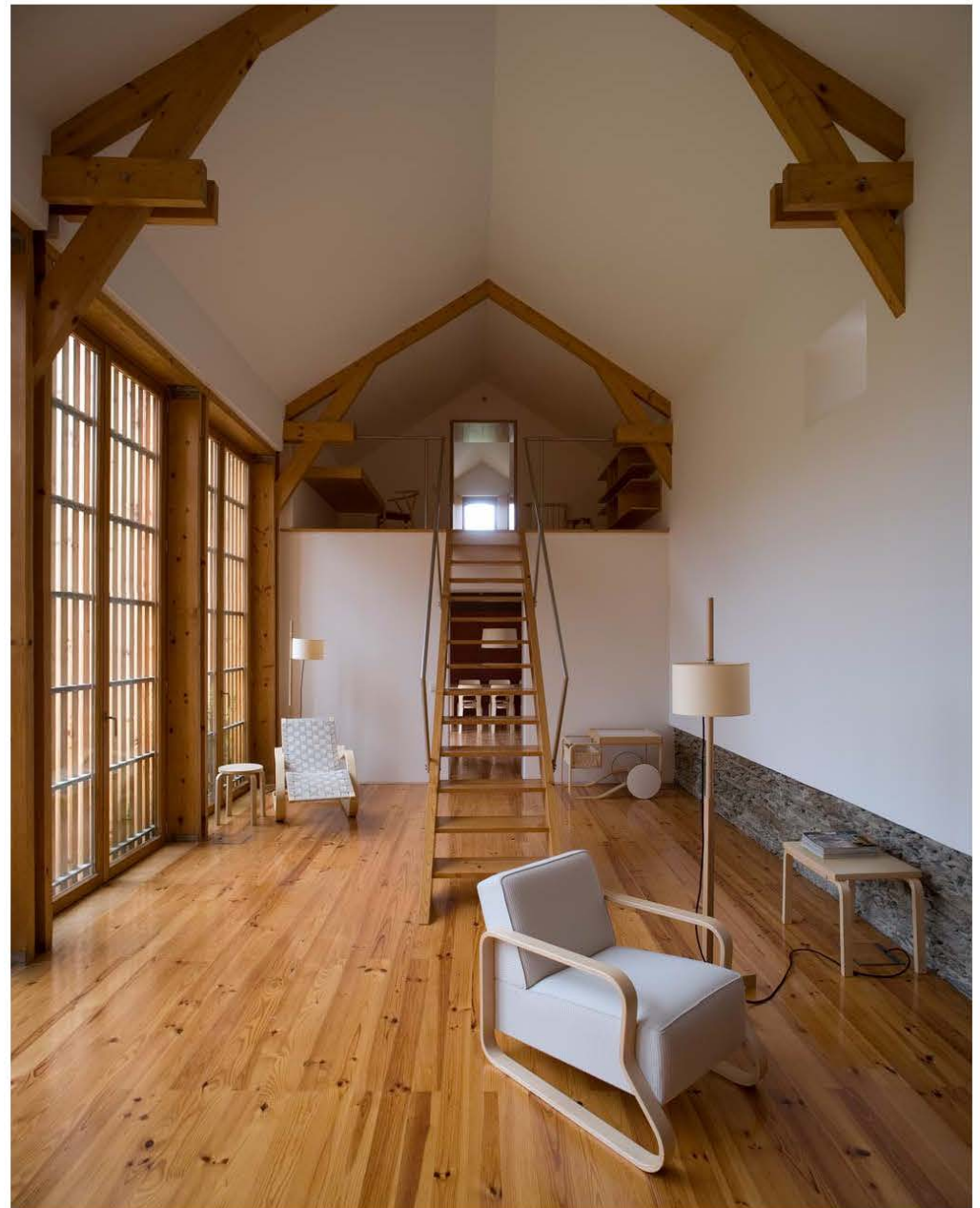


CORTE



Escala 1/200  
Arquitetura:





O presente projecto pretende recuperar o palheiro, transformando-o numa pequena habitação unifamiliar.

O edifício apresenta-se com uma estrutura espacial elementar, semi-arruinada mas também, como outros, com o carácter que as casas próximas, recentes, não têm. Não há preconceitos face ao novo programa; cliente e arquitecto desejam tão só criar mais conforto, qualificar os espaços e promover a relação com o terreno e a envolvente. Tudo isto sem que se perca a identidade do conjunto.

As intenções do projecto centram-se na clarificação do existente. Procura-se anular as ambiguidades resultantes dos sucessivos acrescentos a que o edifício foi sujeito ao longo do tempo. No acto de reconversão do palheiro, deverá ser este o critério fundamental: o da transparência entre o existente e o novo, entre o passado e o presente.

Uma casa organizada a partir da estrutura elementar do palheiro, de volumetria pura, simples e bem dimensionada, que evoca os espaços permanentes das construções tradicionais do campo. O seu desenho é austero, seco, sublinhando tanto quanto possível as regras da construção da arquitectura vernacular. Uma composição onde predomina o gosto pelas superfícies planas no exterior e uma riqueza espacial no interior originada pelas relações verticais entre espaços.

A intenção de manter as fachadas e a cobertura condicionou todo o espaço interior.

A distribuição do programa é elementar: a sala de estar, de jantar e a cozinha em baixo, um estúdio e um quarto no piso superior com as respectivas instalações sanitárias.

A localização estratégica da escada de acesso ao piso superior, permite uma separação e a circulação possível entre espaços.

O coração da casa é a sala de estar de altura dupla. Aberto sobre este espaço, numa cota superior, um balcão que funciona como estúdio. À volta do vazio criado, a presença contínua e variável da luz natural, ampliada por um jogo de perspectivas, reflexos e transparências.

O grande paramento de vidro protegido do sol

por réguas de madeira de riga tratada permite que a casa se abra completamente sobre o jardim e sobre a paisagem circundante.

A proposta funcional procura, sempre que possível, respeitar a estrutura de uso pré-existente. O tratamento interior do edifício procura diferenciar porém, nos seus acabamentos, as estruturas pré-existentes que se mantêm e os novos elementos arquitectónicos que se propõem. A cor e a textura dos materiais contribui para sublinhar a contraposição dos elementos – a madeira, a pedra nos paramentos verticais e a telha na cobertura. No interior, nas paredes, o branco é a cor dominante, em busca de intimidade e conforto, e nos pavimentos a madeira de riga.

No restauro do palheiro será necessário manter os sistemas construtivos, salvaguardando os antigos paramentos verticais, revestimentos e acabamentos, bem como os materiais tradicionais. O restauro deve ser o mais fiel às técnicas tradicionais recorrendo a soluções construtivas adequadas, de forma a não se perder a identidade e o significado histórico do edifício. A unir os dois edifícios, palheiro e casa existente, uma galeria dissimulada da rua (substituindo-se ao muro de fecho do logradouro) fechando o terreno à rua.

Altera-se o acesso ao palheiro. A nova entrada no terreno não é brusca nem imediata, consentindo a aproximação através de uma zona de articulação que oferece o primeiro contacto com as construções envolventes. Os paramentos exteriores que limitam o lote, são executados em pedra de xisto, com junta seca.

El proyecto pretende recuperar un pajar, transformándolo en una pequeña casa. El edificio se presenta con una estructura espacial elemental, semiarruinada pero con un carácter que el caserío próximo, más reciente, no posee. No hay nada preconcebido cara al nuevo programa; el cliente y el arquitecto desean solo crear más confort, cualificar los espacios y promover la relación con el terreno y la envolvente. Todo esto sin que se pierda la identidad del conjunto. Las intenciones se centran en la clarificación de lo existente, procurando anular las ambi-

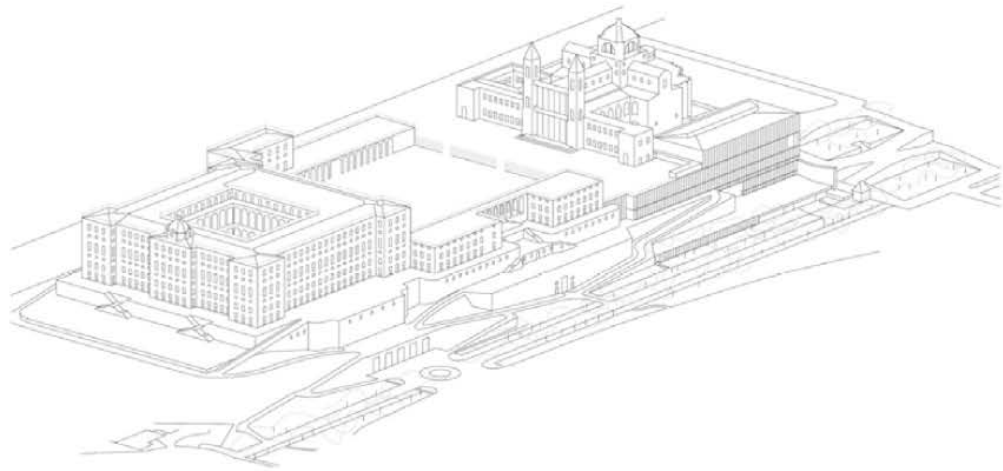


Museu das Colecções Reais, Madrid, Espanha, 2002-2015  
Emílio Tuñón (Madrid, 1959)

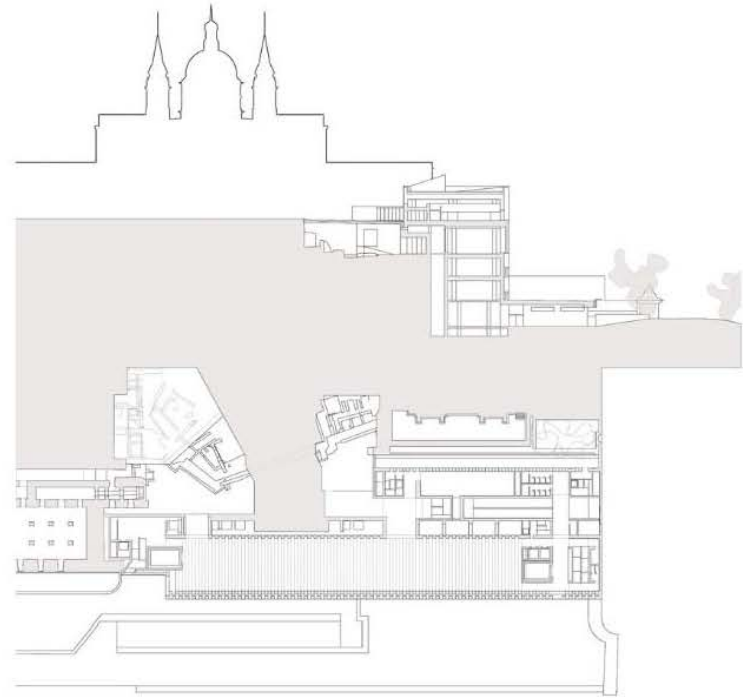
Ver projecto completo em:  
<https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos>







MUSEO DE LAS COLECCIONES REALES  
PERSPECTIVA CONJUNTO  
MANSILLA Y TUNÓN ARQUITECTOS



0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110 120 130 140 150 160 170 180 190 200 210 220 230 240 250 260 270 280 290 300 310 320 330 340  
MUSEO DE LAS COLECCIONES REALES  
PLANTA Y SECCIÓN  
MANSILLA Y TUNÓN ARQUITECTOS



Desde el punto de vista urbano, el proyecto parte de dos principios elementales: por un lado el Museo de las Colecciones Reales debe formar parte del paisaje natural-artificial de la cornisa poniente de Madrid y, por otro, es necesaria la preservación del carácter público y abierto de la plaza de la Almudena, manteniendo la visión de los parques y jardines existentes bajo la cornisa. El museo, en su estructura lineal de muro de contención habitado, intenta reducir el impacto ambiental objetivo (físico) y subjetivo (inconsciente colectivo) sobre el basamento monumental del Palacio Real de Madrid.

El proyecto consiste en realizar un edificio invisible desde la plaza de la Almudena, ocupando un espacio enterrado que todavía no existe. El Museo de las Colecciones Reales continúa el basamento del Palacio Real, construyendo un espacio lineal que sigue las trazas del propio palacio. Un edificio sencillo y compacto, una construcción consciente de que la máxima flexibilidad y posibilidad sólo es posible dentro de un orden riguroso, que toma los materiales del Palacio Real y su digna construcción como carácter, con una disposición contemporánea a la vez pesada y ligera, opaca y transparente. Los tres niveles de exposición, iguales y diferentes, albergan tres colecciones diferenciadas: tapices, pintura y carruajes. Cada uno de

estos espacios se organiza como una nave de ciento cincuenta metros de longitud y veinte metros de ancho, flanqueada por los restos de la muralla árabe en su lado este y una celosía monumental, formada por inmensos pilares de granito, abierta al oeste sobre los jardines del campo del Moro.

Las vistas hacia los jardines son el espacio entre la estructura, como los pilares son los llenos entre huecos, el espacio es el ritmo de las vigas y las instalaciones son los intersticios entre aquello que soporta el edificio; estructura, iluminación, vistas, espacio e instalaciones desdibujan sus fronteras e intercambian sus atributos.

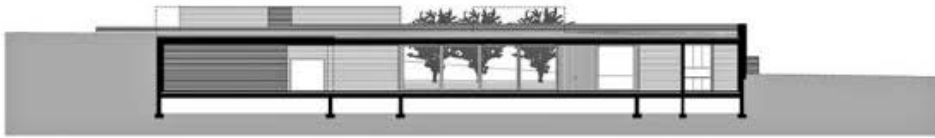
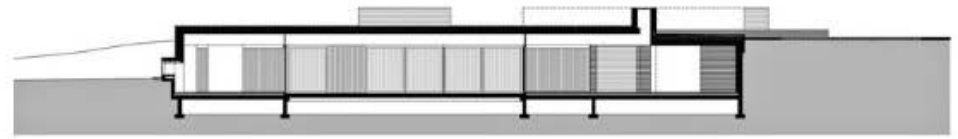
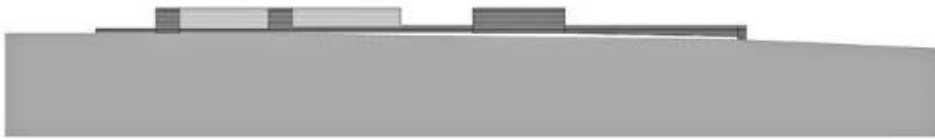
El Museo de las Colecciones Reales es un basamento para el palacio desde el exterior y un marco para ver jardines y piezas al interior. Lo más importante ya existe, nuestra labor es hacerlo visible.

From the urban point of view the project proceeds from two basic principles: on the one hand the Royal Collections Museum must form part of the natural/artificial landscape of Madrid's western escarpment, and on the other the preservation is called for of the public, open nature of the Plaza de la Almudena, by maintaining the view of the parks and gardens existing below the escarpment. Given its linear structure as an inhabited retaining wall, the Museum attempts to reduce

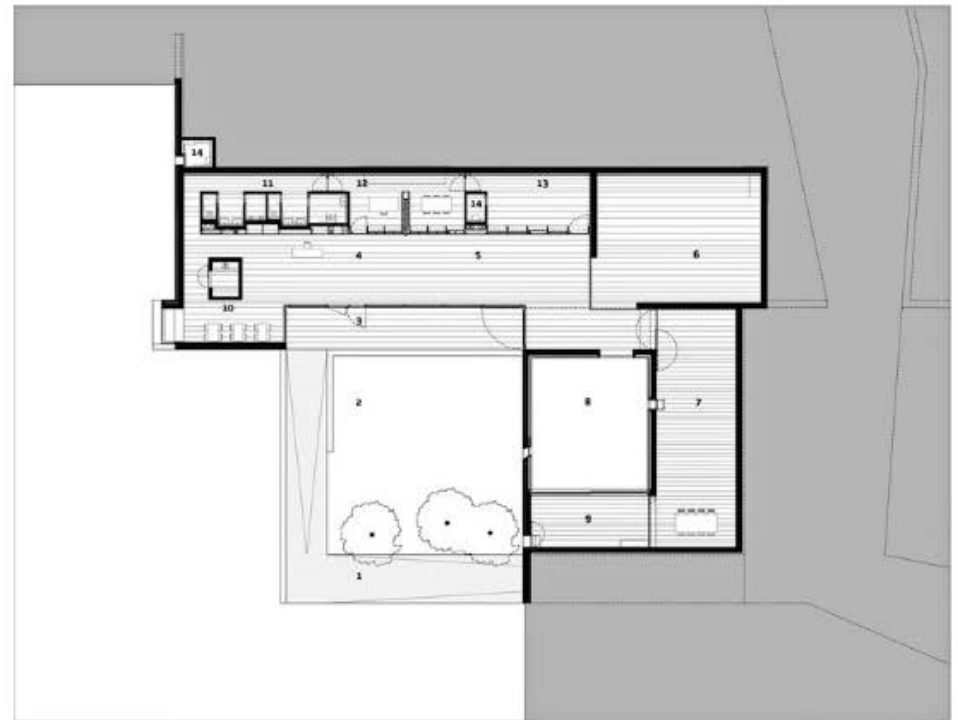


Museu da Luz, Aldeia da Luz, Mourão, Portugal, 2002  
Pedro Pacheco (Braga, 1965) + Marie Clément (Saint-Etienne, 1966)

Ver projecto completo em:  
<https://www.archdaily.com/23656/museum-of-luz-pedro-pacheco-marie-clement>



ALÇADO E CORTE NORTE



- 1 Rampa - Entrada
- 2 Patio das Amendoeiras
- 3 Alpendre
- 4 Atrio
- 5 Sala Polivalente
- 6 Sala Exposições Temporárias
- 7 Sala da Memória
- 8 Sala de Luz
- 9 Patíolo Lendro
- 10 Cafeteria
- 11 Instalações Sanitárias
- 12 Administração
- 13 Armazém
- 14 Sala Técnica
- 15 Terraço
- 16 Chaminés de faz
- 17 Miradouro

PLANTA PISO TÉRREO E CORTE SUL









Em consequência da construção da Barragem da Alqueva, no Sul de Portugal, a aldeia da Luz foi submersa. Os seus habitantes assim como as suas origens tiveram que ser deslocados para a nova aldeia.

A deslocação da aldeia da Luz é um acto de substituição, uma dupla e simultânea acção de fundação e destruição. Neste duplo processo de transformação da paisagem, a antiga aldeia permanece como embrião conceptual – uma primeira natureza elaborada durante séculos de apropriação do território e uma segunda pensada e construída como uma nova identidade.

A fundação do lugar constituído pela Igreja N.ª S.ª da Luz, o cemitério trasladado e o museu dedicado aos territórios da Luz, procura absorver numa nova situação topográfica e geográfica as analogias ao lugar da antiga Igreja N.ª S.ª da Luz – a Igreja e o cemitério como fortes elementos identitários, pré-existências únicas e o museu como elemento estruturante do novo lugar, dotado de carga representativa da substituição.

O processo de desmontagem da aldeia da Luz traz à superfície indícios vários, tanto de carácter arqueológico, como antropológico, histórico e arquitectónico, que abrangem além da própria aldeia todo um território.

O museu contém no seu desenho e materialidade – xisto, a memória da fundação do vale do Castelo de Lousa – ruína romana, marca de uma das primeiras ocupações sedentárias do homem neste território. É um espaço contendor que permite armazenar, classificar e comunicar essa informação, resultado de todo o processo de substituição, que, além de registo físico, estabelece uma intencional cumplicidade entre a situação das duas aldeias.

A localização estratégica no limite do eixo nascente-poente da aldeia evidencia o seu carácter estruturante. O museu redesenha a topografia do sítio numa relação telúrica com a paisagem, reflectindo a condição de edifício como marca identitária, onde os percursos, os muros e a luz, evidenciam elementos da própria cultura do território. Construir o museu em xisto aproxima-o mais à terra, ao solo xistoso e à ideia de fundação.

O espaço interior do museu completa esta leitura evidenciando um olhar particular sobre a paisagem, constituindo uma sequência de lugares ligados entre si com características especiais próprias – átrio, sala polivalente, sala de exposições temporárias, sala da memória, sala da Luz (Luz = luz) e pátio. Perante a imaterialidade do programa – um museu dedicado à memória da antiga aldeia submersa – responde-se com a materialidade do espaço, definido por muros duplos de betão e xisto cinzento serrado extraídos de uma pedreira local.

A sala de Luz como figura principal do museu constitui em conjunto com as chaminés de luz a única marca visível da presença do edifício na paisagem. É um espaço de luz, uma página branca preparada para a escritura de uma síntese da história do território da Luz em transformação.

Debido a la construcción de la presa de Alqueva, en el sur de Portugal, la Aldea de la Luz quedó sumergida. Sus habitantes, así como sus orígenes, tuvieron que ser desplazados a una nueva aldea.

El traslado de la Aldea de la Luz es un acto de sustitución, una acción doble y simultánea de fundación y destrucción. En este doble proceso de transformación del paisaje, la aldea anti-